



Em virtude da edição da Editora Record estar fora de catálogo, decidiu-se por uma seleção nominal dos poemas que constam na edição citada e que poderão ser consultados em outras edições. Cumpre esclarecer que na referida edição de **Poemas negros (2007)**, além dos poemas do livro homônimo, encontram-se mais três livros: **Novos poemas, Poemas escolhidos e Livro de sonetos**.

Para o vestibular de 2017 são leitura obrigatória os seguintes poemas:

### **I - Novos poemas**

Essa negra Fulô  
Comidas  
Santa Rita Durão  
Minha sombra  
*Flos Sanctorum*  
Meus olhos  
Cantigas

### **II – Poemas escolhidos**

Nordeste  
Enchente  
O filho pródigo  
Poema relativo  
Mulher proletária  
Poema do nadador  
Poema à bem-amada

### **III – Poemas Negros**

Bicho encantado  
Banguê  
História  
Democracia  
Retreta do vinte  
Quichimbi sereia negra  
Zefa lavadeira  
Benedito Calunga  
Ladeira da Gamboa  
Passarinho cantando  
Exu comeu tarubá  
Ancila negra  
O banho das negras  
Cachimbo do sertão  
Obambá é batizado  
Poema de encantação  
Rei é Oxalá, rainha é lemanjá  
Foi mudando, mudando

Janaína  
Quando ele vem  
Xangô  
Pra donde que você me leva  
Maria Diamba  
Olá! Negro

#### **IV – Livro de sonetos<sup>1</sup>**

Os seus enfeites  
Apenas eu te aceito, não te quero  
Sinto-me salivado pelo Verbo  
Vereis que o poema cresce independente  
Este poema de amor não é lamento  
Nas noites enlustradas cabeleiras  
Nas noites enlustradas as olheiras

---

<sup>1</sup> Os sonetos foram dispostos considerando os seus primeiros versos.

JORGE DE LIMA

NOVOS POEMAS

POEMAS ESCOLHIDOS

POEMAS NEGROS

LIVRO DE SONETOS

© by Editora Nova Aguilar S.A.

Rua Dona Mariana, 250, casa I — Botafogo

CEP: 22280-020 - Rio de Janeiro, RJ

Tel/Fax: 537-7189 - 537-8275

*Capa:*

Victor Burton

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE.  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

---

L698n

Lima, Jorge de, 1893-1953

Novos poemas ; Poemas escolhidos ; Poemas  
negros / Jorge de Lima. — Rio de Janeiro :  
Lacerda Ed., 1997.

ISBN 85-7384-003-X

1. Poesia brasileira. I. Título : Novos poemas. II.  
Título : Poemas escolhidos. III. Título : Poemas  
negros.

97- 0481

CDD 869.91

CDU 869.0(81)-1

## NOTA EDITORIAL

A trajetória da poesia de Jorge de Lima pode ser dividida em quatro fases, com mais clara ou mais sutil diferenciação. Nascido em 1893, a primeira feição do poeta alagoano — nos poemas dispersos ou nos do livro de estréia, *XIV alexandrinos* — é a de um ortodoxo neoparnasiano. A influência de Bilac é evidente, sobretudo nas chaves de ouro, com a antítese característica: “Mudo que quer ter voz e ao ter voz quer ser mudo!”; “A Ciência que sonha e o verso que investiga.”; “O rir bom de Jesus e o riso mau de Judas.”, etc. Curiosamente, em um soneto de 1913, “Meu decassílabo”, descobrimos, na mesma época, a mais direta influência de Augusto dos Anjos: “Como às vezes no Bom surge uma inata / E atávica tendência de ser fera...”; — “Herdeiro dos pavores do Selvagem / E dos vícios, das dores, das desgraças / Originárias de milhões de raças...”

Em 1925, subitamente, acontece a adesão ao Modernismo, com o poema “O mundo do menino impossível”, republicado em *Poemas*, em 1927. Neste livro, assim como em *Novos poemas*, de 1929, *Poemas escolhidos*, de 1932, e *Poemas negros*, só reunidos em 1947, encontramos a segunda fase, ortodoxamente modernista, de Jorge de Lima. A temática regional, o coloquialismo da língua, o folclorismo, a enumeração de um léxico típico, do topomínico ao onomástico e ao culinário, caracterizam o estilo dessa segunda fase, marcada também por um constante interesse temático pelo elemento negro, que a singulariza em relação a diversas individualidades poéticas então preocupadas com uma redescoberta do Brasil, por mais distante que tudo isso esteja, paradoxalmente, do que pelo resto do mundo significou a expressão “modernismo”.

Em *Tempo e eternidade*, de 1935, escrito em parceria com Murilo Mendes, aparece o católico militante, que dominaria a terceira fase. Há um sopro bíblico claramente identificado, uma caudal claudeliana, neste livro, assim como no que lhe sucede, *A túnica inconsútil*, de 1938, ao lado de uma sensível aproximação ao Surrealismo.

Em *Anunciação e encontro de Mira-Celi*, esse elemento surrealista, mais universal e — ainda que totalmente católico — menos explicitamente militante, dá início ao que poderíamos caracterizar como quarta e última fase. Estas características — o uso cada vez maior do inconsciente, o universalismo e a aproximação da poesia pura — se radicalizariam nas duas últimas obras, o *Livro de sonetos*, de 1949, e o enorme conjunto lírico de *A invenção de Orfeu*, de 1952.

Na presente edição, reunindo os *Novos poemas*, *Poemas escolhidos* e *Poemas negros*, encontrará o leitor a feição mais típica do Jorge de Lima da segunda fase, o regionalista e folclorista, que conquistou todo o Brasil com a sua irresistível “Negra Fulô”.

*Os Editores*

# NOVOS POEMAS

*A*

*Isolina*

*e Heráclito Belfort*

*Gomes de Sousa*

# ESSA NEGRA FULÔ

Ora, se deu que chegou  
(isso já faz muito tempo)  
no banguê dum meu avô  
uma negra bonitinha  
chamada negra Fulô.

Essa negra Fulô!

Essa negra Fulô!

Ó Fulô! Ó Fulô!  
(Era a fala da Sinhá)  
— Vai forrar a minha cama,  
pentear os meus cabelos,  
vem ajudar a tirar  
a minha roupa, Fulô!

Essa negra Fulô!

Essa negrinha Fulô  
ficou logo pra mucama,  
para vigiar a Sinhá  
pra engomar pro Sinhô!

Essa negra Fulô!

Essa negra Fulô!

Ó Fulô! Ó Fulô!  
(Era a fala da Sinhá)

vem me ajudar, ó Fulô,  
vem abanar o meu corpo  
que eu estou suada, Fulô!  
vem coçar minha coceira,  
vem me catar cafuné,  
vem balançar minha rede,  
vem me contar uma história,  
que eu estou com sono, Fulô!

Essa negra Fulô!

“Era um dia uma princesa  
que vivia num castelo  
que possuía um vestido  
com os peixinhos do mar.  
Entrou na perna dum pato  
saiu na perna dum pinto  
o Rei-Sinhô me mandou  
que vos contasse mais cinco.”

Essa negra Fulô!

Essa negra Fulô!

Ó Fulô? Ó Fulô?  
Vai botar para dormir  
esses meninos, Fulô!  
“Minha mãe me penteou  
minha madrasta me enterrou  
pelos figos da figueira  
que o Sabiá beliscou.”

Essa negra Fulô!

Essa negra Fulô!

Fulô? Ó Fulô?

(Era a fala da Sinhá  
chamando a Negra Fulô.)

Cadê meu frasco de cheiro  
que teu Sinhô me mandou?

— Ah! foi você que roubou!

Ah! foi você que roubou!

O Sinhô foi ver a negra  
levar couro do feitor.

A negra tirou a roupa.

O Sinhô disse: Fulô!

(A vista se escureceu  
que nem a negra Fulô.)

Essa negra Fulô!

Essa negra Fulô!

Ó Fulô? Ó Fulô?

Cadê meu lenço de rendas  
cadê meu cinto, meu broche,  
cadê meu terço de ouro  
que teu Sinhô me mandou?

Ah! foi você que roubou.

Ah! foi você que roubou.

Essa negra Fulô!

Essa negra Fulô!

O Sinhô foi açoitar  
sozinho a negra Fulô.

A negra tirou a saia  
e tirou o cabeção,  
de dentro dele pulou  
nuinha a negra Fulô

Essa negra Fulô!

Essa negra Fulô!

Ó Fulô? Ó Fulô?

Cadê, cadê teu Sinhô  
que nosso Senhor me mandou?

Ah! foi você que roubou,  
foi você, negra Fulô?

Essa negra Fulô!

## COMIDAS

Comer efó,  
pimenta, jiló!  
Iaiá me coma,  
sou quimbombô!  
Cobrei sustância  
com mocotó!  
Iaiá me diga,  
nessa comida  
você botou  
mulata em pó?

Iaiá me coma  
sou quimbombô!

Ai Bahia de Todos os Santos,  
até nos pecados das comidas,  
você botou nome santo?

Papos-de-anjo,  
Peitinhos-de-freira,  
Quindins-de-convento,  
Fatias-da-sé!

Ai! Bahia de Todos os Santos,  
o poema das suas comidas  
foi São Benedito quem lhe ensinou?

Baba-de-moça,

Olho-de-sogra,  
Levanta-marido,  
Fatias-paridas,  
Trouxinhas, Suspiros,  
e Mimos-do-céu!

Bahia, estas comidas têm mandinga!  
Bahia, esse tempero tem mocó!  
Lá vem tabuleiro!  
Cocadas, pipocas!  
Lá vem verdureiro:  
Pimenta, jiló!  
Lá vem Frei Tomé:  
Barriga-de-freira,  
Toicinho-do-céu!

Bênção, Frei Tomé!  
Moqueca, dendê,  
Arroz com efó,  
Pimenta, jiló!

Me coma Iaiá  
que eu sou quimbombô!  
que eu sou quimbombô!

Lá vem tabuleiro  
de amendoim!  
Comidas gostosas  
mexidas por mim!

Me compre Iaiá  
por São Bom Jesus  
Senhor do Bonfim!

## SANTA RITA DURÃO

Durão! que apelido bom para um caboclo pachola,  
caboclo de bagaceira ou cangaceiro do sertão,  
capaz de bancar Caramuru no bando de Lampião!

Mas teu Brasil, Caramuru, não tem sertão,  
nem sul, nem norte, nem no teu mato  
há catolé, oiticoró, cabaço de marimba, barbatimão!

Nas tuas roças não tem banana-samburá,  
não tem mandioca-gomo-roxo, não tem feijão mulatinho,  
não tem nada, São Durão!

Nos teus caminhos não há malmequeres,  
flor-de-relógio, vassoura-de-botão,  
não há, São Durão,  
essa florzinha espia-caminho que moça não pode ver!

As tuas semanas-santas não têm flores-de-quaresma  
para alegrar Nossa Senhora que perdeu Nosso Senhor!  
As tuas frutas são como essas frutas de cera  
(enfeites de certas mesas).

As tuas caatingas não têm burras-leiteiras  
que dão leite,  
não têm pau-sangue que verte sangue,  
que nem cabocla, todas as luas,  
não têm peitinhos de jaracatiás,  
não têm beijos de maracujás-de-estalo,

não têm imbés  
chupando troncos de baraúnas tão grossas,  
tão pretas como pretas-minas!

E os teus quintais não têm, plantado  
num caco de panela,  
um pé de saudade roxa, pra o enterro dos manezinhos  
que se não morressem (quem sabe, São Durão?),  
poderiam ser cangaceiros do grupo de Lampião.

E agora,

agora vão ser anjinhos pra glória de Deus!

Amém!

## MINHA SOMBRA

De manhã a minha sombra  
com meu papagaio e o meu macaco  
começam a me arremedar.

E quando eu saio  
a minha sombra vai comigo  
fazendo o que eu faço  
seguindo os meus passos.

Depois é meio-dia.  
E a minha sombra fica do tamaninho  
de quando eu era menino.

Depois é tardinha.  
E a minha sombra tão comprida  
brinca de pernas de pau.

Minha sombra, eu só queria  
ter o humor que você tem,  
ter a sua meninice,  
ser igualzinho a você.

E de noite quando escrevo,  
fazer como você faz,  
como eu fazia em criança:  
Minha sombra  
você põe a sua mão  
por baixo da minha mão,  
vai cobrindo o rascunho dos meus poemas  
sem saber ler e escrever.

## *FLOS SANCTORUM*

Santa Bárbara que nos livra do corisco.

São Bento que cura mordida de cobra,

São Gonçalo casador.

São Jorge que me cedeu o seu nome

pra meu pai me batizar,

que escolheu o seu dia

pra eu chegar nesse mundo,

que só não me deu seu cavalo

porque o pobre do bichinho

não podia descer da lua!

Pulei tanta tacha de engenho,

passei tanta correnteza,

conheci tanto perau fundo!

E você, meu anjo-da-guarda,

nunca me disse seu nome,

pra eu fazer um poeminha pra você!

## MEUS OLHOS

Nossa Senhora, minha madrinha,  
tu vês as coisas verdes, não é?  
Meus olhos pretos, coitados deles!  
Teus olhos verdes, felizes deles,  
minha madrinha, Nossa Senhora da Conceição!

Nossa Senhora, dá-me teus olhos  
para eu ver com eles meus pobres olhos.  
Coitados deles, minha madrinha,  
só vêem as coisas como elas são.

Nossa Senhora, minha madrinha  
pinta meus olhos, que eu quero ver  
verdes os dias que inda virão.  
Nossa Senhora, minha madrinha,  
tu vês as coisas verdes, não é?

Teus olhos verdes, felizes deles!  
Meus olhos pretos, cor de carvão!  
Nossa Senhora, minha madrinha,  
tu vês meus olhos como eles são?

## CANTIGAS

As cantigas lavam a roupa das lavadeiras.  
As cantigas são tão bonitas,  
que as lavadeiras ficam tão tristes, tão pensativas!

As cantigas tangem os bois dos boiadeiros! —  
Os bois são morosos, a carga é tão grande!  
O caminho é tão comprido que não tem fim.  
As cantigas são leves...  
E as cantigas levam os bois,  
batem a roupa  
das lavadeiras.

As almas negras pesam tanto, são  
tão sujas como a roupa, tão pesadas  
como os bois...  
As cantigas são tão boas...  
Lavam as almas dos pecadores!  
Levam as almas dos pecadores!

# POEMAS ESCOLHIDOS

(1925 a 1930)

## NORDESTE

Nordeste, terra de São Sol!

Irmã enchente, vamos dar graças a Nosso Senhor,  
que a minha madrasta Seca torrou seus anjinhos  
para os comer.

São Tomás passou por aqui?

Passou, sim senhor!

Pajeú! Pajeú!

Vamos lavar Pedra Bonita, meus irmãos,  
com o sangue de mil meninos, amém!

D. Sebastião ressuscitou!

S. Tomé passou por aqui?

Passou, sim senhor.

Terra de Deus! Terra de minha bisavó  
que dançou uma valsa com D. Pedro II.

São Tomé passou por aqui?

Tranca a porta, gente, Cabeleira aí vem!

Sertão! Pedra Bonita!

Tragam uma virgem para D. Lampião!

## ENCHENTE

— Por que as jandaias e os periquitos estão gritando como os  
[meninos do Grupo, na hora de vadiar?  
— É uma cabeça de enchente que veio ontem de tardei  
E o rio deu pra falar grosso  
e bancar Zê-pabulagem:  
— “Não duvide que eu levo  
a sua almofada de fazer renda, minha velha!”

E o rio cresceu. Entrou na camarinha  
e lá se foi com a almofada da velha!  
— “Deus te favoreça, meu filho,  
você, ainda outro dia, era tão manso,  
lavava até os pratos de minha cozinha!”

— “Não duvide, seu canoeiro  
que eu emborco a sua canoa!”  
E rodou com o canoeiro  
e virou a canoa mesmo.  
E entrou nos fundos das casas  
e saiu nas portas da rua.  
Subiu no olho da ingazeira,  
tirou ingá e comeu.  
Pulou das pedras embaixo,  
espumando como um doido.  
Fez até medo às piabas, que correram  
pra os barreiros.

Só os meninos estão satisfeitos:

— “Deus permita que o rio encha mais!”

— “Deus permita que o rio encha mais!”

Quando o rio entrar na rua,

as salas de visita serão banheiros.

Eles deitarão barquinhos de cima das janelas,

e a professora fechará a escola!

— “Deus permita que o rio encha mais!”

— “Deus permita que o rio encha mais!”

## O FILHO PRÓDIGO

Nas engrenagens das fábricas  
bolem como vermes — dedos decepados de operários.  
Há intestinos rotos de crianças  
nos vaivéns do correame das oficinas.  
A cor e a alegria das moças empregadas  
dissolvem-se na algazarra monótona dos teares.  
O avião comeu a saudade das mães  
que a distância separou dos filhos vagabundos.  
Há máquinas que cegam os adolescentes  
ansiosos de ver o progresso do mundo.

Um homem teve medo de enlouquecer  
perseguido pela força e pelo orgulho  
das máquinas assassinas.

Cadê a luz trêmula de vela  
pra alumiar o meu poema antigo?  
O lirismo perdeu a sua liturgia.

As lâmpadas Osram velam funebremente a poesia.  
Ah! que existe uma tristeza na terra  
que nem lágrimas produz  
de sua esterilidade tão seca.

Eu sou um corpo distraído.

Bóiam os meus olhos pelas superfícies.  
Mas os meus olhos correm mais perigo

do que se andassem em acrobacias contemplativas  
pulando no céu alto, perto das estrelas.

Vovozinha, venho de longe,  
ando há muitos séculos a pé.

Ensina-me de novo a ficar de joelhos,  
que já é tarde e eu quero me deitar.

## POEMA RELATIVO

Vem, ó bem-amada.  
Junto à minha casa  
tem um regato (até quieto o regato).

Não tem pássaros, que pena!  
Mas os coqueiros fazem,  
quando o vento passa,  
um barulho que às vezes parece  
bate-bate de asas.

Supõe, ó bem-amada,  
se o vento não sopra,  
podem vir borboletas  
à procura das minhas jarras  
onde há flores debruçadas,  
tão debruçadas que parecem escutar.

Todos os homens têm seus crentes,  
ó bem-amada:  
— os que pregam o amor ao próximo  
e os que pregam a morte dele.

Mas tudo é pequeno  
e ligeiro no mundo, ó amada.  
Só o clamor dos desgraçados  
é cada vez mais imenso!

Vem, ó bem-amada.

Junto à minha casa  
tem um regato até manso.  
E os teus passos podem ir devagar  
pelos caminhos:  
                    aqui não há a inquietação  
                    de se atravessar o asfalto.

Vem, ó bem-amada,  
porque, como te disse,  
se não há pássaros no meu parque,  
pode ser, se o vento  
não soprar forte,  
que venham borboletas.  
Tudo é relativo  
                    e incerto no mundo.  
Também tuas sobrancelhas  
parecem asas abertas.

# MULHER PROLETÁRIA

Mulher proletária — única fábrica  
que o operário tem, (fábrica de filhos)

tu

na tua superprodução de máquina humana  
forneces anjos para o Senhor Jesus,  
forneces braços para o senhor burguês.

Mulher proletária,  
o operário, teu proprietário  
há de ver, há de ver:  
a tua produção,  
a tua superprodução,  
ao contrário das máquinas burguesas  
salvar teu proprietário.

## POEMA DO NADADOR

A água é falsa, a água é boa.

Nada, nadador!

A água é mansa, a água é doida,

aqui é fria, ali é morna,

a água é fêmea.

Nada, nadador!

A água sobe, a água desce,

a água é mansa, a água é doida.

Nada, nadador!

A água te lambe, a água te abraça

a água te leva, a água te mata.

Nada, nadador!

Senão, que restará de ti, nadador?

Nada, nadador.

## POEMA À BEM-AMADA

Amada, não penses,  
escutemos a chuva que o inverno chegou.  
Sejamos as árvores que Deus semeou  
sem nunca O ouvir, sem nunca O olhar  
serenos, morramos sem nos separar.

Renunciemos, amada, os vãos pensamentos,  
cumpramos apenas a lei do Senhor  
sem nunca O ouvir, sem nunca O tocar,  
sem nunca duvidar, duvidar, duvidar.

Soframos, amada, sem nos lamentar.  
Sejamos as árvores que Deus esqueceu,  
que o vento abalou e o raio abateu.

Amada! Amada!  
Bem-aventurado quem já morreu.  
Escutemos a chuva,  
que a chuva é de Deus!

# POEMAS NEGROS

# BICHO ENCANTADO

Este bicho é encantado:

não tem barriga,  
não tem tripas,  
não tem bofes,  
não é maribondo,  
não é mangangá,  
não é caranguejeira.  
Que é que é Janjão?

É a Estrela-do-mar que quer me levar.

Só tem olhos,  
só tem sombra.

Babau!

Não é jimbo,  
não é muçum,  
não é sariema.

Que é que é Janjão?

É a Estrela-do-mar que quer me afogar.

Esse bicho é encantado:

não quer de-comer,  
não quer munguzá,  
não quer caruru,  
não quer quigombô.

Só quer te comer.

Que é que é Janjão?

É a Estrela-do-mar que quer me esconder.

Babau!

# BANGUÊ

Cadê você meu país do Nordeste  
que eu não vi nessa Usina Central Leão de minha terra?  
Ah! Usina, você engoliu os banguinhos do país das Alagoas!  
Você é grande, Usina Leão!  
Você é forte, Usina Leão!  
As suas turbinas têm o diabo no corpo!  
Você uiva!  
Você geme!  
Você grita!  
Você está dizendo que U.S.A é grande!  
Você está dizendo que U.S.A. é forte!  
Você está dizendo que U.S.A. é única!  
Mas eu estou dizendo que V. é triste  
como uma igreja sem sino,  
que você é mesmo como um templo evangélico!  
Onde é que está a alegria das bagaceiras?  
O cheiro bom do mel borbulhando nas tachas?  
A tropa dos pães de açúcar atraindo arapuás?  
Onde é que mugem os meus bois trabalhadores?  
Onde é que cantam meus caboclos lambanceiros?  
Onde é que dormem de papos para o ar os bebedores de resto  
[de alambique?  
E os senhores de espora?  
E as sinhás-donas de cocó?  
E os cambiteiros, purgadores, negros queimados na fomalha?  
O seu cozinhador, Usina Leão, é esse tal Mister Cox que tira  
[da cana o que a cana não pode dar  
e que não deixa nem bagaço

com um tiquinho de caldo  
para as abelhas chupar!  
O meu banguzinho era tão diferente,  
vestidinho de branco, o chapeuzinho do telhado sobre os olhos,  
fumando o cigarro do boeiro pra namorar a mata virgem.  
Nos domingos tinha missa na capela  
e depois da missa uma feira danada:  
a zabumba tirando esmola para as almas;  
e os cabras de faca de ponta na cintura,  
a camisa por fora das calças:  
“Mão de milho a pataca!”  
“Carretel marca Alexandre a doistões!”  
Cadê você meu país de banguês  
com as cantigas da boca da moenda:  
“Tombeira-cana João que eu já tombei!”  
E o eixo de maçaranduba chorando  
talvez os estragos que a cachaça ia fazer!  
E a casa dos cobres com o seu mestre de açúcar potoqueiro,  
com seu banqueiro avinhado  
e as tachas de mel escumando,  
escumando como cachorro danado.  
E o bangüê que só sabia trabalhar cantando,  
cantava em cima das tachas:  
“Tempera o caldo mulher que a espuma assobe...”  
Cadê a sua casa-grande, banguê,  
com as suas Dondons,  
com as suas Tetês,  
com as suas Benbens,  
com as suas Donanas alcoviteiras?  
Com seus Totôs e seus Pipius corredores de cavalhada?

E as suas molecas catadoras de piolho,  
e as suas negras Calus, que sabiam fazer munguzás,  
manuês,  
cuscuz,

e suas sinhás dengosas amantes dos banhos de rio  
e de redes de franja larga!

Cadê os nomes de você, banguê?

Maravalha,  
Corredor,  
Cipó branco,  
Fazendinha,  
Burrego-d'água,  
Menino Deus!

Ah! Usina Leão, você engoliu  
os bangüezinhos do país das Alagoas!

Cadê seus quilombos com seus índios armados de flecha,  
com seus negros mucufas que sempre acabavam vendidos,  
tirando esmola para enterrar o rei do Congo?

“Folga negro  
Branco não vem cá!  
Si vinhé,  
Pau há de levá!”

Você vai morrer, banguê!

Ainda ontem são Major Totonho do Sanharó  
esticou a canela.

De noite se tomou uma caninha  
pra se ter força de chorar.  
E se fez sentinela.

E você, banguzinho que faz tudo cantando  
foi cantar nos ouvidos do defunto:

“Totonho! Totonho!

Ouve a voz de quem te chama  
vem buscar aquela alma  
que há três dias te reclama!”

Bangüê! E eu pensei que estavam  
cantando nos ouvidos de você:

Banguê! Banguê!

Ouve a voz de quem te chama!”

# HISTÓRIA

Era princesa.

Um libata a adquiriu por um caco de espelho.

Veio encangada para o litoral,  
arrastada pelos comboieiros.

Peça muito boa: não faltava um dente  
e era mais bonita que qualquer inglesa.

No tombadilho o capitão deflorou-a.

Em nagô elevou a voz para Oxalá.

Pôs-se a coçar-se porque ele não ouviu.

Navio guerreiro? não, navio tumbeiro.

Depois foi ferrada com uma âncora nas ancas,

depois foi possuída pelos marinheiros,

depois passou pela alfândega,

depois saiu do Valongo,

entrou no amor do feitor,

apaixonou o Sinhô,

enciumou a Sinhá,

apanhou, apanhou, apanhou,

Fugiu para o mato.

Capitão do campo a levou.

Pegou-se com os orixás:

fez bobó de inhame

para Sinhô comer,

fez aluá para ele beber,

fez mandinga para o Sinhô a amar.

A Sinhá mandou arrebentar-lhe os dentes:

Fute, Cafute, Pé-de-pato, Não-sei-que-diga.

avança na branca e me vinga.

Exu escangalha ela, amofina ela,  
amuxila ela que eu não tenho defesa de homem,  
sou só uma mulher perdida neste mundão.

Neste mundão.

Louvado seja Oxalá.

Para sempre seja louvado.

## DEMOCRACIA

Punhos de redes embalaram o meu canto  
para adoçar o meu país, ó Whitman.  
Jenipapo coloriu o meu corpo contra os maus-olhados,  
catecismo me ensinou a abraçar os hóspedes,  
carumã me alimentou quando eu era criança,  
Mãe-negra me contou histórias de bicho,  
moleque me ensinou safadezas,  
massoca, tapioca, pipoca, tudo comi,  
bebi cachaça com caju para limpar-me,  
tive maleita, catapora e ínguas,  
bicho-de-pé, saudade, poesia;  
fiquei aluado, mal-assombrado, tocando maracá,  
dizendo coisas, brincando com as crioulas,  
vendo espíritos, abusões, mães-d'água,  
conversando com os malucos, conversando sozinho,  
emprenhando tudo que encontrava,  
abraçando as cobras pelos matos,  
me misturando, me sumindo, me acabando,  
para salvar a minha alma benzida  
e meu corpo pintado de urucu,  
tatuado de cruces, de corações, de mãos-ligadas,  
de nomes de amor em todas as línguas de branco, de mouro ou

[de pagão.

## RETRETA DO VINTE

O cabo mulato balança a batuta,  
meneia a cabeça, acorda com a vista  
os bombos, as caixas, os baixos e as trompas.

(No centro da Praça o busto de D. Pedro escuta.) —  
Batuta pra esquerda: relincham clarins,  
requintas, tintins e as vozes meninas da banda do 20.

Batuta à direita: de novo os trombones  
e as trompas soluçam. E os bombos e as caixas: ban-ban!  
Vêm logo operários, meninas, cafuzas,  
mulatos, portugues, vem tudo pra ali.  
Vem tudo, parecem formigas de asas  
rodando, rodando em torno da luz.

Nos bancos da Praça conversas acesas,  
apertos, beijocas, talvezes.

D. Pedro II espia do alto.  
(As barbas tão alvas  
tão alvas nem seil)

E os pares passeiam,  
parece que dançam,  
que dançam ciranda,  
em torno do Rei.

## QUICHIMBI SEREIRA NEGRA

Quichimbi sereia negra  
bonita como os amores  
que tem partes de chigonga  
não tem cabelos no corpo,  
é lisa que nem muçum,  
é ligeira que nem buru  
não tem matungo e é donzela,  
ao mesmo tempo pariu  
jurará sem urucaia.

Quichimbi vive nas ondas  
coberta de espuma branca,  
dormindo com o boto azul,  
conservando a virgindade  
tão difícil de sofrer.

Quichimbi segue nas ondas  
dez mil anos caminhando,  
dez mil anos assistindo  
as terras mudar de dono,  
o mar servindo de escravo  
ao homem branco das terras.

Quichimbi sereia negra  
bonita como os amores  
dormindo com o boto azul,  
não sabe de nada, não.

## ZEFA LAVADEIRA

*(Trecho de A mulher obscura)*

Uma trouxa de roupa é um mundo animado de anáguas, de corpinhos, de fronhas, de lençóis e toalhas servis; em resumo: dos homens e suas preocupações.

E qual é a maior força desse mundo? Onde o segredo das suas atividades?

— Olha o amor, Zefa, — olha os lençóis — torna-nos semelhantes aos deuses, faz vibrar em nós o poema dos plasmas que neles se geraram. Por eles, retrocedendo pelo caminho de certas memórias obscuras, voltamos às Formas primeiras, às Energias inteligentes.

E desfazendo aquela trouxa de roupa com o desembaraço de Jeová, compondo e recompondo um caos, mostra-me peça por peça, todas aquelas forças mencionadas, lodos genésicos, ou salivas do Espírito que adejou sobre as águas.

Mas Zefa deu um muxoxo, arrepanhando as fraldas, arrastando os pés. Zefa não tinha antenas para a torrente declamatória interior de minha juventude em dias de convalescença.

Pela vereda que vinha do rio, surgiu cantarolando uma cafuza nova, com o pote à cabeça, o braço direito erguido, segurando a rodilha.

E senti-a em tudo, — na algazarra dos ramos, na toada das águas despenhadas, nos vegetais variegados como arraiais, no tumulto dos seres que sofrem, amam e se perpetuam correndo a vida.

Josefa — lavadeira, porque se julga a sós, vai despindo as belezas selvagens de ninfa cafuza.

No remanso em que bate a roupa, há bambus e ingazeiros

pelas margens. Josefa entra o caudal até as coxas morenas, a camisa arregaçada, o cabeção de crochê impelido pelos seios duros, tostados de soalheiras.

O braço valente arroja o pano contra a pedra de bater, e a axila cobre-se e descobre-se, piscando a tentação de arrochos e rendições cheias de saciedades. Aqui, toda lavadeira de roupa é boa cantaderia. A cantiga é uma corruptela de velhas toadas num tom languoroso, alimentado de sofreguidões, de desejos incontidos, e de lamentações incorrespondidas.

Depois de lavar a roupa dos outros, Zefa lava a roupa que a cobre no momento. Depois, deixa-se corando sobre o capim. Então Zefa lavadeira ensaboa o seu próprio corpo, vestido do manto de pele negra com que nasceu. Outras Zefas, outras negras vêm lavar-se no rio. Eu estou ouvindo tudo, eu estou enxergando tudo. Eu estou relembrando a minha infância. A água, levada nas cuias, começa o ensaboamento; desce em regatos de espuma pelo dorso, e some-se entre as nádegas rijas. As negras aparam a espuma grossa, com as mãos em concha, esmagam-na contra os seios pontudos, transportam-na com agilidade de símios, para os sovacos, para os flancos; quando a pasta branca de sabão se despenha pelas coxas, as mãos côncavas esperam a fugidia espuma nas pernas, para conduzi-la aos sexos em que a África parece dormir o sono temeroso de Cam.

## BENEDITO CALUNGA

Benedito Calunga

calunga-ê

não pertence ao papa-fumo,

nem ao quibungo,

nem ao pé de garrafa,

nem ao minhocão.

Benedito Calunga

calunga-ê

não pertence a nenhuma ocaia nem a nenhum tati, nem mesmo a Iemanjá,

nem mesmo a Iemanjá.

Benedito Calunga

calunga-ê

não pertence ao Senhor

que o lanhou de surra

e o marcou com ferro de gado

e o prendeu com lubambo nos pés.

Benedito Calunga

pertence ao banzo

que o libertou,

pertence ao banzo

que o amuxilou,

que o alforriou

para sempre

em Xangô.

Hum-Hum.

## LADEIRA DA GAMBOA

Há uma rua que eu conheço  
Rua Barão da Gamboa  
tem uma ladeira de lado  
com o mesmo nome da rua  
nenhum barão mora lá  
mas porém gente que sua  
gente que sobe gente que desce  
gente que vai para a vida  
gente que dela vem  
não há meio de dizer-se  
na ladeira ninguém vem  
você mesmo não se agüenta  
pois a ladeira é um vaivém  
parece mesmo com a vida  
tem subida tem descida

Barão não

Poesia mesmo à toa  
tem lama poeira buracos  
tudo o que a vida possui  
mas polícia não tem não  
polícia lá não influi  
que a vida não tem polícia  
a vida é mesmo um vaivém  
igualmente esta ladeira  
dá na gente uma canseira  
tem subida tem descida  
tem mais que tudo canseira  
igualmente esta ladeira

da Rua Barão da Gamboa.

Que boa.

Ladeira. Vida. Canseira. Gamboa.

## PASSARINHO CANTANDO

Congos, cabindas, angolas,  
também de Cacheo e de Bissao,  
Maranhão, Pernambuco, Pará,  
Fernando Pó, São Tomé, Ano Bom,  
Serra Leoa, Serra Leoa, Serra Leoa!  
Cabo Verde, Moçambique,  
duas cozinheiras, três belas mucamas, óleo de coco,  
(o boto também gosta de teu sangue Sudão).  
Senhor Manuel Teixeira dos Santos  
vem de redingote, suíças e procuração.  
Ana Maria doceira de meu pai  
amancebou-se com o alferes;  
na segunda geração:  
nem culatronas, nem pés apalhetados,  
nem panos-da-costa, nem figas, nem aluá.  
Na terceira nasceu Maricota, filha-de-santo,  
checheré, rainha suicidou-se com fogo.  
Deixou uma filha sagrada com água benta,  
fechada com mandinga, branca, casada, com chácara.  
Há na sua pele três estrelas marinhas, duas estrelas-d'alva,  
a Lua, a Água-viva, a Fome de abraços.  
Há no seu sangue:  
trê moças fugidas, dois cangaceiros,  
um pai-de-terreiro, dois malandros, um maquinista,  
dois estourados.  
Nasceu uma índia,  
uma brasileira,  
uma de olhos azuis,

uma primeira comunhão,  
uma que deu seus cachos ao *Senhor* da Paixão,  
uma que tinha ataques,  
uma que foi ser freira,  
    uma que nasceu em Londres e é parenta do Rei.  
O passarinho ficou órfão  
cantando, catando penas só.

## EXU COMEU TARUBÁ

O ar estava duro, gordo, oleoso:  
a negra dentro da madorna;  
e dentro da madorna — bruxas desenterradas.  
No chão uma urupema com os cabelos da moça.  
Foi então que Exu comeu tarubá  
e meteu a figa na mixira de peixe-boi.  
Aí na distância sem fim, moças foram roubadas,  
e sóror Adelaide veio viajando de rede,  
era alva ficou negra, era santa ficou lesa:  
caiu na madorna, o ar duro, gordo, oleoso.  
Exu começou a babar a mixira de peixe-boi,  
o professor tirou o pincenê; estava traído pelo donatário,  
sem barregãs, sem ginetes, sem escravos.  
Aí na distância sem-fim, viajando de rede  
D. Diogo de Holanda veio parar na madorna, o ar duro, gordo  
[do, oleoso.  
Exu começou a lambar a mixira de peixe-boi:  
Isabel Lopo de Sampaio desvirginou o moleque,  
jogou-se no rio, virou ingazeira, pariu três macacos.  
Viajando de rede vieram três macacos parar na madorna, o ar  
[duro, gordo, oleoso.  
Eis aí três cirurgiões cosendo retrós,  
a bela adormecida no século vindouro  
que esquecerá por certo a magia  
contra tudo que não for loucura  
ou poesia.

## ANCILA NEGRA

Há ainda muita coisa a recalcar,  
Celidônia, ó linda moleca ioruba  
que embalou minha rede,  
me acompanhou para a escola,  
me contou histórias de bichos  
quando eu era pequeno,  
muito pequeno mesmo.

Há mais coisa ainda a recalcar:  
As tuas mãos negras me alisando,  
os teus lábios roxos me bubuiando,  
quando eu era pequeno,  
muito pequeno mesmo.

Há muita coisa ainda a recalcar  
ó linda mucama negra,  
carne perdida,  
noite estancada,  
rosa trigueira,  
maga primeira.

Há muita coisa a recalcar e esquecer:  
o dia em que te afogaste,  
sem me avisar que ias morrer,  
negra fugida na morte,  
contadeira de histórias do teu reino,  
anjo negro degradado para sempre  
Celidônia, Celidônia, Celidônia!

Depois: nunca mais os signos do regresso.

Para sempre: tudo ficou como um sino ressoando.

E eu parado em pequeno,  
mandingando e dormindo,  
muito dormindo mesmo.

## O BANHO DAS NEGRAS

*(Início de A mulher obscura,)*

Em casa de Laécio não havia álbuns. A família de meu companheiro de infância parecia não ter tradição nem história. Lembro-me que um dia, perguntando-lhe como se chamava seu avô, ele me disse:

— Morreu há muito tempo. Não me lembro como era, mas papai deve saber. Um dia pergunto.

Recordo, porém, que era, de todos os meus amigos, o que mais me atraía.

Talvez não fosse o companheiro em si, em quem, já por aquele tempo, percebia uma capacidade de mentir maior que a de todos os meus outros camaradas, e uma grande habilidade de surripiar nossos objetos escolares, selos, estampas e brinquedos. Talvez o que me atraía para Laécio fosse a sua chácara, a sua grande chácara onde devia existir a Arvore do Bem e do Mal, chácara tão tentadora para mim.

Os fundos davam para o rio. Um dia, Laécio me chamou para assistir o banho de umas negras. O espetáculo que se me oferecia não me deixou nenhuma impressão menos pura.

As negras estavam ali tomando banho, negras novas do Caípe que se lavavam debaixo dos ramos das ingazeiras arriadas sobre as águas. Abriam bandós com os cacos de pente de chifre, e como não dispunham de espelhos, ajudavam-se na tualete.

As molecas eram bonitas, ágeis e puras. Eu estava, apenas, encantado de ver corpos negros, tão diferentes dos brancos, embelezando-se ligeiros, antes de entrar nágua. Reparava que aquele banho era diferente do banho de umas parentas, que me deixaram uma vez esperando por elas, na beira do rio. As

brancarronas se penteavam depois do banho, cuidadosas, com a toalha sobre os ombros, debaixo dos cabelos soltos. Mas as molecas podiam, com uma ligeireza espantosa, se coçar, espenujar, separar com os cacos de pente o cabelo lanzudo, mergulhar na água transparente e sair outra vez sem que o cabelo se desmanchasse; a água não lhes alterava a beleza. O contraste daqueles corpos pretos e luzidios sobre a areia das margens ou sob a espuma do sabão me impressionou bastante. Nunca tinha visto espuma sobressair tanto, correndo ligeira nas costas escuras ou descendo entre os seios espigados pelo ventre abaixo. Mais ligeiros que a espuma, eram os seus braços harmoniosos. Algumas com a cara ensaboada, sem abrir os olhos para evitar a espuma, aparavam-na antes que ela se perdesse no chão. A espuma grossa voltava outra vez para debaixo das axilas ou dos ombros, esmagada de novo pelas esguias mãos. Outras se ajudavam no ensaboamento esfregando as costas das companheiras ou os lugares que os braços não atingiam. Achei lindas as negras. Achei-as ágeis, diferentes. Mas Laécio me advertira que era proibido vê-las assim nuas; e se elas soubessem que nós as espreitávamos no banho, contariam a nossos pais e estes ralhariam conosco e seríamos castigados.

## CACHIMBO DO SERTÃO

Aqui é assim mesmo.

Não se empresta mulher,  
não se empresta quartau  
mas se empresta cachimbo  
para se maginar.

Cachimbo de barro  
massado com as mãos,  
canudo comprido, que bom!  
— Me dá uma fumaçada!

— Que coisa gostosa só é maginar!

Sertão vira brejo,  
a seca é fartura,  
desgraça nem há!

Que coisa gostosa só é cachimbar.

De dia e de noite, tem lua, tem viola.

As coisas de longe vêm logo pra perto.

O rio da gente vai, corre outra vez.

Se ouvem de novo histórias bonitas.

E a vida da gente menina outra vez

ciranda, ciranda debaixo do luar.

Se quer cachimbar, cachimbe são moço,

mas tenha cuidado! — O cachimbo de barro  
se pode quebrar.

## OBAMBÁ É BATIZADO

Pela fé de Zambi te digo:

Obambá é batizado, confirmado, cruzado e coroadado.

Dá licença meu pai?

Licença venha

para os alufás de babalau.

Licença tem

o Babé de Olubá.

Licença tem.

Licença têm

cacuriqués, cacuricás.

Licença têm.

Licença tem

babalaô, babalaô.

Licença tem.

Na fé de Zambi te digo:

Obambá é batizado, confirmado e coroadado.

Oxóssi está reinando: dá pra ele.

Dá pra o pai-de-sala, dá pra ele.

Ó ocaia dá pra ele.

Na fé de Zambi te digo:

Te vira em meu sangue.

Obambá é batizado, confirmado e coroadado.

Dá licença meu pai?

Licença venha para outros bacuros.

Ó ocaia dá pra ele.

Dá licença meu pai?

Ó ocaia, me deixa só com meu santo,

me deixa só,

me deixa só,

dá pra ele

que Obambá é batizado, confirmado, cruzado e coroado.

Oxóssi está reinando: dá pra ele.

## POEMA DE ENCANTAÇÃO

Arraial d'Angola de Paracatu,  
Arraial de Mossâmedes de Goiás,  
Arraial de Santo Antônio do Bambe,  
vos ofereço quibebê, quiabo, quitanda, quitute, quingombô.  
Tirai-me essa murrinha, esse gôgo, esse urufá,  
que eu quero viver molecando, farreando, tocando meus ganzás!

Arroio dos Quilombos de Palmares,  
Arroio do Desemboque do Quizongo,  
Arroio do Exu do Bodocô,  
vos ofereço maconha de pito, quitunde, quibembe, quingombô.

Assim, sim!

Arraial d'Angola de Paracatu,  
Arraial do Campo de Goiás,  
Arraial do Exu do Aussá,  
vos ofereço quisama, quinanga, quilengue, quingombô.  
Tomai acaçá, abará, aberém, abaú!

Assim, sim!

Tirai-me essa murrinha, esse gôgo, esse urufá!  
Vos ofereço quitunde, quitumba, quelembe, quingombô.

## REI É OXALÁ, RAINHA É IEMANJÁ

Rei é Oxalá que nasceu sem se criar.

Rainha é Iemanjá que pariu Oxalá sem se manchar.

Grande santo é Ogum em seu cavalo encantado.

Eu cumba vos dou curau. Dai-me licença angana.

Porque a vós respeito,

e a vós peço vingança

contra os demais aleguás e capiangos brancos.

Agô!

que nos escravizam, que nos exploram,

a nós operários africanos,

servos do mundo,

servos dos outros servos.

Oxalá! Iemanjá! Ogum!

Há mais de dois mil anos o meu grito nasceu!

## FOI MUDANDO, MUDANDO

Tempos e tempos passaram

por sobre teu ser.

Da era cristã de 1500

até estes tempos severos de hoje,

quem foi que formou de novo teu ventre,

teus olhos, tua alma?

Te vendo, medito: foi negro, foi índio ou foi cristão?

Os modos de rir, o jeito de andar,

pele,

gozo,

coração...

Negro, índio ou cristão?

Quem foi que te deu esta sabedoria,

mais dengo e alvura,

cabelo escorrido, tristeza do mundo,

desgosto da vida, orgulho de branco, algemas, resgates, alforrias?

Foi negro, foi índio ou foi cristão?

Quem foi que mudou teu leite,

teu sangue, teus pés,

teu modo de amar,

teus santos, teus ódios,

teu fogo,

teu suor,

tua espuma,

tua saliva,

teus abraços, teus suspiros, tuas comidas,

tua língua?

Te vendo, medito: foi negro, foi índio ou foi cristão?

## JANAÍNA

Janaína vive no rio,  
vive no açude,  
vive no mar.  
Lembrou-se de vir passear:  
nas ôndias passou dendê.  
As ôndias se acomodaram.  
Cavalo-marinho veio  
para ela se amontar.  
No cavalo se amontou  
galopando descuidada,  
acordando os afogados,  
dando adeus à maré grande.  
Botando nome nos peixes,  
ouvindo a fala dos búzios.  
No ventre de Janaína  
as escamas estão brilhando.  
Nos olhos de Janaína,  
na cauda de Janaína  
tem cem doninhas pulando.  
Nos peitos de Janaína  
tem dois langanhos babando.  
Se Janaína sorri  
as ôndias ficam banzeiras.  
Se Janaína está triste.  
o mar começa a espumar,  
a pegar gente na praia  
pra Janaína afundar.  
— Janaína dá licença

que eu me afogue no seu mar?

## QUANDO ELE VEM

Quando ele vem,  
vem zunindo como o vento,  
como mangangá, como capeta,  
como bango-balango, como marimbondo.

Donde que é que ele vem?

Vem de Oxalá, vem de Oxalá,  
vem do oco do mundo,  
vem do assopro de Oxalá,  
vem do oco do mundo.

Quer é comer.

Quer é caruru de peixe,  
quer é efó de inhame,  
quer é oguedé de banana,  
quer é olubó de macaxeira,  
quer é pimenta malagueta.

Quando ele chega, tudo fica banzando à toa,  
esbodegado, enquizilado, enguiçado, enfezado.

Quando ele entra,  
dá vontade na gente de embrenhar-se no mato,  
de esparramar-se no chão,  
de encalombar o rosto com as mãos,  
de amunhecar no cansaço,  
de esbanguelar os dentes nas pedras,  
virar pé-de-vento,  
sumir no assopro de Oxalá.

E dentro do assopro de Oxalá  
virar cochicho nos ouvidos dela,  
xodozar todo o santo dia,

catar cafunés invisíveis,  
rolar dentro das suas anáguas,  
bambeando o corpo dela,  
babatando sem rumo,  
amuxilado,  
acuado diante das suas mungangas,  
engabelado, tatambeado, fumado.

## XANGÔ\*

\* Segunda versão.

Na noite, aziaga, na noite sem fim,  
quibundos, cafuzos, cabindas mazombos  
mandingam xangô.

Oxum! Oxalá. Ô! Ê!

Dois feios calungas — Taió e Oxalá rodeados de contas,  
contas, contas, contas, contas.

No centro o Oxum!

Oxum! Oxalá. Ô! Ê!

Na noite aziaga, na noite sem fim  
cabindas, mulatos, quibundos, cafuzos,  
aos tombos, gemendo, cantando, rodando.  
Senhor do Bonfim! Senhor do Bonfim!

Oxum! Oxalá. Ô! Ê!

Sinhô e Sinhá num mês ou dois mês se há de casá!  
Mano e Mana! Credo manco!

No centro o Oxum  
Que dois bonequinhos na rede tão bamba  
Ioiô e Iaiá!  
Minhas almas  
santas benditas  
aquelas são  
do mesmo Senhor;  
todas duas  
todas três

todas seis  
e todas nove!

Santo Onofre,  
São Gurdim,  
São Pagão,  
Anjo Custódio,  
Monserrate,  
Amém,  
Oxum!

Na noite aziaga, na noite sem fim  
recende o fartum. Recende o fartum.  
Senhor do Bonfim! Senhor do Bonfim!  
Oxum! Ô! Ê!

Redobram o tantã, incensam maconha!  
Sorri Oxalá!

E a preta mais nova com as pernas tremendo,  
no crânio um zunzum,  
no ventre um chamego  
de cabra no cio... Ê! Ê!

Meu São Mangangá  
Caculo  
Pitomba  
Gambá-marundu  
Gurdim  
Santo Onofre  
Custódio  
Ogum.

Minhas almas  
santas benditas  
aquelas são  
do mesmo Senhor  
todas duas  
todas três  
todas nove  
o mal seja nela  
casado com ele.

São Marcos, S. Manços  
com o signo-de-salomão  
com Ogum-Chila na mão  
com três cruzes no surrão  
S. Cosme! S. Damião!

Credo

Oxum-Nila

Amém.

## PRA DONDE QUE VOCÊ ME LEVA

Julião se apoderou da melodia às 10 horas da noite em pleno *jazz*. O tema é só pretexto porque o mágico Julião — transformou o saxofone e está transformando a gente. Tudo é ritmo binário como as pernas, os braços, os olhos, os dois corações de Julião. Então o ritmo e a melodia principiaram deveras organizando um chulear de batuque e canto rotundo de cortar coração. No cume da voz está Gêge — filha de Ogum deitada se balançando; nas outras partes sonoras há outros deuses aquecendo uns aos outros. Nisso o canto esguincha do saxofone como um repuxo vermelho. Julião dobra o saxofone na pança confundindo-o com o esôfago, os olhos esbugalhados, a alma inocente subindo a Escada de Jacó para dentro de Deus. Julião treme recebendo intuições, amolengando entre uma nota e outra o feitiço pendurado *no* pescoço.

Pulam de dentro *do* escuro do saxofone mucamas lindíssimas para cada um dos fulanos, porém o poder da música é tão lavado e tão branco, é tão estrela-d'alva que as ditas nem se atrevem a se amulherar com eles. Julião está reluzente que nem esfregado com óleo de andiroba, cada vez mais requebrado, mais impoluto e transparente, as teclas fechando as válvulas de seu corpo banzeiro, o canto se espraiando unânime, parece que tem carajuru na face, o funil do aparelho está espraiado como sua boca branca, um estenderete só.

Ciscar no murundu!

Chupar caxundé!

Farrambambear por esse mundo!

Mulatear pelas senzalas brancas!

Mocar com a ocaia dos outros!

Tudo isso eram gritos sinceros, mas sem maldade, porque tudo estava peneirado, sessado pela água amandigada da música.

Pra donde que você me leva, poesia-uma-só? Pra donde que *você* me leva, mãe-d'água de uma só cacimba, Janaína de um só mar, Pedra-Pemba de um só altar?

## MARIA DIAMBA

Para não apanhar mais  
falou que sabia fazer bolos:  
virou cozinha.

Foi outras coisas para que tinha jeito.

Não falou mais:

Viram que sabia fazer tudo,  
até molecas para a Casa-Grande.

Depois falou só,  
só diante da ventania  
que ainda vem do Sudão;  
falou que queria fugir  
dos senhores e das judiarias deste mundo  
para o sumidouro.

## OLÁ! NEGRO

Os netos de teus mulatos e de teus cafuzos  
e a quarta e quinta gerações de teu sangue sofredor  
tentarão apagar a tua cor!

E as gerações dessas gerações quando apagarem  
a tua tatuagem execranda,

não apagarão de suas almas, a tua alma, negro!

Pai-João, Mãe-negra, Fulô, Zumbi,

negro-fujão, negro cativo, negro rebelde

negro cabinda, negro congo, negro ioruba,

negro que foste para o algodão de U.S.A.

para os canaviais do Brasil,

para o tronco, para o colar de ferro, para a canga

de todos os senhores do mundo;

eu melhor compreendo agora os teus *blues*

nesta hora triste da raça branca, negro!

Olá, Negro! Olá, Negro!

A raça que te enforca, enforca-se de tédio, negro!

E és tu que a alegras ainda com os teus *jazzes*,

com os teus *songs*, com os teus *lundus*!

Os poetas, os libertadores, os que derramaram

babosas torrentes de falsa piedade

não compreendiam que tu ias rir!

E o teu riso, e a tua virgindade e os teus medos e a tua bondade

mudariam a alma branca cansada de todas as ferocidades!

Olá, Negro!

Pai-João, Mãe-Negra, Fulô, Zumbi  
que traíste as Sinhás nas Casas-Grandes,  
que cantaste para o Sinhô dormir,  
que te revoltaste também contra o Sinhô;  
quantos séculos há passado  
e quantos passarão sobre a tua noite,  
sobre as tuas mandingas, sobre os teus medos, sobre tuas  
[alegrias!

Olá, Negro!

Negro que foste para o algodão de U.S.A.  
ou que foste para os canaviais do Brasil,  
quantas vezes as carapinhas hão de embranquecer  
para que os canaviais possam dar mais doçura à alma humana?

Olá, Negro!

Negro, ó antigo proletário sem perdão,  
proletário bom,  
proletário bom!

*Blues*

*Jazzes,*

*songs,*

lundus...

Apanhavas com vontade de cantar,  
choravas com vontade de sorrir,  
com vontade de fazer mandinga para o branco ficar bom,  
para o chicote doer menos,  
para o dia acabar e negro dormir!

Não basta iluminares hoje as noites dos brancos com teus jazzes,

com tuas danças, com tuas gargalhadas!

Olá, Negro! O dia está nascendo!

O dia está nascendo ou será a tua gargalhada que vem vindo?

Olá, Negro!

Olá, Negro!

X

LIVRO DE SONETOS

A night of memories and of sighs  
I consecrate to thee.

*Walter Savage Landor*

\*\*\*

A

Adolfo Casais Monteiro  
Alberto de Serpa  
Carlos Queiroz  
João de Barros  
João Gaspar Simões  
José Osório de Oliveira  
José Régio  
Maria da Saudade Cortesão  
Vitorino Nemésio

Os seus enfeites,  
Suas bandeiras,  
O amplo velame  
Dormem na sombra.

Os mastaréus  
Furam a treva;  
Na tarde fria  
São como ogivas.

É um mudo rito,  
Agudo, agudo  
No ar nevoento.

E a nave suave  
Parece uma ave  
Insubsistente.

Apenas eu te aceito, não te quero  
nem te amo, dor do mundo. Há honraria  
que nos abate como um punho fero  
mas aceitamos com sobrançaria.

A um vate grego certo rei severo  
vazou-lhe os olhos para não fugir.  
Ó dor do mundo, eu vivo como Homero,  
aceito a provação que me surgir.

Homero a tua história sinto-a; e urdo  
o teu destino, o meu e o de teu rei.  
Mas só teus olhos nossos passos guias,

e inda tens vozes para o mundo surdo,  
e luz para os outros cegos, luz que herdei  
com a aceitação dos olhos que não viam.

Sinto-me salivado pelo Verbo,  
rodeado de presenças e mensagens,  
de santuários falhados e de quedas,  
de obstáculos, de limbos e de muros.

Furo as noites e vejo-te, Solstício,  
ou recolho-me ao âmago das coisas,  
renovo um sacrifício expiatório,  
lavo as palavras como lavo as mãos.

Esta é a zona sem mar e sem distância,  
solidão-sumidouro, barro-vivo,  
barro em que reconstruo sangues e vozes

Não quero interromper-me nem findar-me.  
Desejo respirar-me no Teu sôpro,  
aparecer-me em Ti, continuado.

Vereis que o poema cresce independente  
e tirânico. Ó irmãos, banhistas, brisas,  
algas e peixes lívidos sem dentes,  
veleiros mortos, coisas imprecisas.

coisas neutras de aspecto suficiente  
a evocar afogados, Lúcias, Isas,  
Celidônias... Parai sombras e gentes !  
Que êste poema é poema sem balizas.

Mas que venham de vós perplexidades  
entre as noites e os dias, entre as vagas  
e as pedras, entre o sonho e a verdade, entre...

Qualquer poema é talvez essas metades:  
essas indecisões das coisas vagas  
que isso tudo lhe nutre sangue e ventre.

Este poema de amor não é lamento  
nem tristeza distante, nem saudade,  
nem queixume traído nem o lento  
perpassar da paixão ou pranto que há-de

transformar-se em dorido pensamento,  
em tortura querida ou em piedade  
ou simplesmente em mito, doce invento,  
e exaltada visão da adversidade.

É a memória ondulante da mais pura  
e doce face (intérmina e tranqüila)  
da eterna bem-amada que eu procuro;

mas tão real, tão presente criatura  
que é preciso não vê-la nem possuí-la  
mas procurá-la nesse vale obscuro.

Nas noites enluaradas cabeleiras  
das moças debruçadas, dos sobrados  
desciam como gatas borrarheiras  
por sôbre os nossos lábios descuidados.

Beijávamos os cachos; das olheiras  
delas caíam prantos obstinados.  
Calmávamos com êles as fogueiras  
dos nossos próprios olhos assustados.

Românticos demais. Nós os meninos  
urdíamos as tranças, e em seus braços  
ouvíamos suspiros desolados.

Elas tinham soluços repentinos  
e nos acalentavam nos regaços.  
Ó meninos, ó noites, ó sobrados !

Nas noites enluaradas as olheiras  
das donzelas suicidas dos sobrados  
iluminavam aves agoureiras  
e cães vadios tísicos e odiados.

E também vinham claunes embriagados  
e sonâmbulas gatas borralheiras,  
sombras errantes, sombras forasteiras,  
rostos em cal e cinza transformados.

Nós éramos meninos evadidos  
nas insónias das febres e das asma,  
os olhos pelas noites acordados.

Musas de infância ungiam meus sentidos.  
Eram musas infantis ou fantasmas ?  
Ó meninos, ó noites, ó sobrados !